**EXPRESSÕES DO *CHOQUE LUMÍNICO*:** entre Hollywood e o Sertão do cinema**.**

**Ronald Souza de Jesus [[1]](#footnote-1)**

Nesse trabalho, serão demonstradas experiências de rendição à força da luz. Experiências de *Choque Lumínico*. Um camaleão com crise de identidade, vagando pelo velho oeste em *Rango* (2011); guerrilheiros no deserto, em treinamento para a guerra do Iraque, em *Jarhead* (2004); Viajantes espaciais em um planeta com três sóis, em *Riddick* (2000); um leão desmaiado em um deserto africano, em Rei Leão (1994); um alemão no nordeste do Brasil, no *road movie* Cinemas, Aspirinas e Urubus (2005); um americano adoecido no interior de Pernambuco, em Olhos Azuis (2009). De diferentes formas, cada um desses personagens experimentou uma potência de luz indômita, diante da qual se tornava tão nulo qualquer esforço que aos mesmos apenas restava a rendição ao *choque lumínico*, conceito estabelecido por Aronovich para nomear a experiência que viveu na Bahia, quando fazia pesquisas de locação para *Os fuzis* (1964). Ainda que não seja possível narrar (por códigos de linguagens isolados) completamente uma sensação, assim como não será possível percebê-la integralmente, uma imagem poética, envolta de metáforas, sugestões e sutilezas, conformando em si a afecção de várias categorias de expressão, dá ao artista e autor a oportunidade de transpor um discurso para o mundo da imaginação. Um artista pode dizer, sobre a imagem que compõe: *o ato se deu de uma maneira imaginária, imaterial ou concreta. Diante do fenômeno, percebi-o de determinada forma e essa imagem poética (que no cinema possui camadas de sentido sonoras, sensoriais e visuais) é a maneira mais aproximada que tenho de transmitir ao espectador minha percepção e meu sentimento diante da narrativa originária.* Esse ato de compartilhar um momento, uma narrativa, uma história, inclui a responsabilidade do fotógrafo em buscar uma fotografia mais íntima possível das características de um espaço – que inclui não apenas a paisagem, mas as configurações e pulsações de vidas e vivências que neles se desdobram. Nesse sentido, Waldemar Lima, fotógrafo de Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964) – filme emblemático do Cinema Novo que também fez uso da luz excessiva em sua narrativa – incentiva “que a imagem de uma região árida seja mostrada ao mundo como contrastes e não como cores suaves de outras geografias e de outros povos” (LIMA, 2013, Pag. 332), desejando ainda que não aja temor dos realizadores de cinema quanto às sombras, aos claros-escuros e aos contrastes. Do Sertão a Hollywood, esse trabalho apresentará utilizações do *choque lumínico* em diferentes de filmes nacionais e estrangeiros, demonstrando, como procedimento metrodológico, contextos e sensações aos quais essa atitude visual atribui sentido. Em *Os fuzis*, por exemplo, uma experiência de *choque lumínico* é apresentada ao espectador já no plano de abertura: durante mais de 1 minuto, a câmera aponta para o sol, enquanto uma voz relata a dor dos tempos e a crueza dos dias, reforçando o conteúdo da fala de abertura: “E do céu vinha o divino castigo para o pecado dos homens, cercaram-me os gemidos da morte. [...] A terra estava mais seca que o coração do homem sem crença” (Os fuzis, 1964). No Cinema brasileiro contemporâneo, *Olhos Azuis* (2009) e Cinema, Aspirinas e Urubus (2005) trazem esse visual para reforçar tanto a sensação de luminosidade que o estrangeiro sofre diante da paisagem Sertaneja quanto para transferir a maior parcela possível do estado mental e físico dos personagens sujeitos a essas paisagens. Serão apresentados os resultados parciais e pontos principais dessas análises, a partir dos expostos nas seguintes situações: *Os fuzis* conta a dor e a fome do povo nativo; a narrativa de Aronovich conta é o choque do estrangeiro. O *choque lumínico* do camaleão, em Rango, se dá em um momento de esclarecimento. Em *Rei Leão*, o choque lumínico é utilizado para demonstrar aridez, calor e cansaço. Em *Olhos Azuis* e *Cinemas, Aspirinas e Urubus*, temos a impressão de que o personagem é praticamente um intruso, adentrando a luz intensa do Sertão, assim como os personagens de *Riddick*. Na trilogia *Jarhead*, uma série cinematográfica com temática de guerra, o *choque lumínico* reforça a ideia de ambiente inóspito, calor intenso, poeira, sujeira e sol forte, que envolvem os personagens em uma atmosfera parecida àquelas que vivenciarão nos campos de batalha.

**Palavras-chave**: Choque Lumínico; Cinematografia; Fotografia; Sertão; Deserto.

**Referências**

ARONOVICH, Ricardo. **Entrevista concedida Sylvie Debs**. Enfoco - Ano 1, No. 01, Noviembre 2007. CUBA: Escuela Internacional de Cine y Television – EICTV, 2007.

\_\_\_\_\_\_. Entrevista concedida para a Série Tão Longe, Tão Perto. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/zTsjKQyYl0s> Último acesso: em 21 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_\_. O desafio da luz tropical. ABC, 01 de Junho de 2010.

LIMA, Waldemar. **Luz tropical brasileira**. *in* Revista brasileira de estudos de cinema e audiovisual | janeiro-junho 2013. Pag. 327-332. Disponível em: <http://www.socine.org.br/rebeca/pdf/f19.pdf> Último acesso: 15 de agosto de 2017.

\_\_\_\_\_\_. **Em busca de uma fotografia participante**. Revista Contracampo: 2006. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/27/fotoparticipante.htm> Último acesso: 14 de agosto de 2017.

1. Bolsista CAPES de Doutorado. Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília - UnB. Linha de Pesquisa Imagem, Som e Escrita. Orientadora: Prof. Dra. Susana Dobal. E-mail: [fotoronald@hotmail.com](https://d.docs.live.net/d96250bfba51992d/Jornada%20discente%20de%20pesquisa%20em%20comunica%C3%A7%C3%A3o/fotoronald@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-1)